

CULTURA

HISTÓRIAS QUE O RIO CONTA

texto | CAMILA NATALINO FRÓIS fotos | ANDRÉ DIB



A expedição Cinema no Rio cruza os cenários sertanejos levando cultura e lazer para as comunidades ribeirinhas do São Francisco e registra a realidade de uma região que está perdendo suas tradições e a dos moradores que buscam alternativas para viver de um rio sem mata ciliar e quase sem peixes



A

cada desembarque do Projeto Cinema no Rio, a saga se repete. A poucos metros do Velho Chico, um amontoado de lona vira uma telona inflável em alguns minutos. Enquanto a equipe de cinegrafistas, antropólogos, jornalistas e fotógrafos chega pelo rio, um caminhão que viaja pelas estradas poeirentas do norte de Minas Gerais traz equipamentos e cadeiras para uma plateia ao ar livre. A luz da projeção ilumina os sorrisos e as feições diante da tela, incluindo as de moradores antigos, vidrados diante da ficção ou mesmo de seus próprios “causos” em documentários gravados previamente.

Os filmes exibidos são sempre produções nacionais, mas têm destaque as que tratam de questões relacionadas ao imaginário popular, às identidades culturais,

tradições e à relação com a terra ou com as águas.

No dia seguinte à sessão, depois de uma noite ao balanço das marolas do Velho Chico, o barco volta a singrar o rio até algum novo vilarejo com nomes tão peculiares como Barra do Guaiçu, Pacuí e Ponto Chique, que estavam entre Pirapora e Manga, no norte de Minas, trecho percorrido na 13ª edição do projeto. Durante a navegação, os cenários se alternam entre lugares paradisíacos, rodeados de águas esverdeadas, como o peculiar Pântano Pandeiros, em Januária, e paisagens secas e degradadas, com muita poluição, como na foz do rio das Velhas.

Quando o barco atraca, começa tudo de novo. Antes da próxima sessão, a rotina é explorar as ruas, conhecer o patrimônio histórico, entrevistar as lideranças comunitárias e visitar personagens que pare-

cem saídos dos livros de Guimarães Rosa.

Zé Galinha, morador de São Francisco, conta ter aprendido inglês, japonês e alemão nos sonhos que tem desde menino e hoje dá aula de línguas para crianças carentes em sua casa. Dona Bidu fala sobre estragos da enchente de 1917; Maria do Boi, de São Romão, carrega em seu tambor a alegria e força de seu povo e virou protagonista de filme premiado internacionalmente. As gêmeas Simiana relatam ter chegado a Matias Cardoso no “ano da fome”: “Minha mãe trouxe nós duas para cá assim, uma enganchada do lado e a outra do outro. A gente comia fruta do mato e os peixes que o pai pescava no rio, porque naquela época tinha era muito.” Entre uma história e outra, as duas cantavam canções que iam de *Mulher Rendeira* a funks contemporâneos, entoavam orações com os braços erguidos para a Igreja

Expedição conta com cinegrafistas, antropólogos, jornalistas e fotógrafos que viajam pelo leito do grande rio

São Francisco e rodavam as saias sempre sincronizadas na animada sessão de cinema que encheu a praça da cidade. Todos esses personagens foram parar na telona como protagonistas de pequenos filmes gravados pela equipe do Cinema no Rio.

Quando viajou pelo São Francisco pela primeira vez, no navio Wenceslau Brás, em 1976, o idealizador do projeto Inácio Neves mergulhou em um universo ainda mais folclórico. “Eu era moleque, aquilo era uma aventura. A gente parava nas comunidades para abastecer o navio com lenha e ficava horas e horas ouvindo as histórias de onça, de caboclos d’água e de grandes pescarias.”

Nessa época o São Francisco servia

FILME
Sessão de cinema para a população que vive perto do São Francisco (págs. anteriores). Plateia é protagonista em documentários exibidos na telona. Na pág. seguinte, a natureza resistente



IMAGENS
Em Itacarambi, ao norte de Minas, ribeirinhos dependem do rio para todos os afazeres. Lico Alves e a carranca que é marca do Velho Chico: arte em extinção, assim como os vapores

para beber, nadar, pescar, lavar roupa e viajar, e chegou a ter 32 navios a vapor navegando em suas águas. A linha de Pirapora (MG) a Juazeiro (BA) transportava passageiros, cargas e correspondências. “Quando se cruzavam, os barcos se cumprimentavam com longos apitos e o povo do vilarejo descia todo para ver e acenar para a tripulação”, conta Inácio.

Após a construção de cinco hidrelétricas ao longo do São Francisco, nos anos 1970, além de vários trechos do rio terem deixado de ser navegáveis, a lenha já estava escassa (a mata ciliar havia sido dizimada), o assoreamento do rio se acelerou e os vapores pararam de funcionar.

Hoje, para viajar pelo São Francisco, só mesmo em barcos pequenos de pescadores, como o da expedição do Cinema no Rio. “Os moradores não esperam mais os vapores, mas, com certeza, esperam o cinema”, diz Inácio. A proposta da expe-

dição, porém, tem mudado ao longo dos anos. “Antes a gente achava que estava trazendo a cultura para o São Francisco, mas logo entendemos que estávamos vindo ao encontro da cultura ribeirinha, que é riquíssima, apesar de estar se perdendo.”

Hoje, a equipe da expedição estimula os grupos locais para que se apresentem antes das sessões. Dona Agripina, de Ponto Chique, lembra que o grupo de batuque da cidade renasceu após a passagem do Cinema no Rio, em 2006. “Eles vieram aqui e insistiram para a gente tocar e foi um sucesso”, conta. Na praça, a primeira canção eles rodaram sozinhos. Ao som das batidas graves, melancólicas e latentes, as mulheres de saias rodadas dançavam e batiam o ombro-a-ombro. Nos próximos batuques foram aparecendo as crianças para dançar também.

Depois da apresentação, o grupo con-

seguiu um apoiador local, viajou por toda a região e se exibiu em Brasília, no Congresso Nacional. Lá, mostrou a “dança da capina”, que simula a tarefa na lavoura, quando os negros iam trabalhando e cantando ao mesmo tempo, com a enxada, a gamela e a cabaça.

Na edição seguinte da expedição, o batuque foi parar em documentário. No vídeo, os integrantes do grupo iam cantando e puxando a memória de Ponto Chique. As crianças gritavam quando reconheciam alguém na telona entoando músicas representativas da vida da comunidade. Foi assim que surgiu a ideia de sempre dar voz aos moradores e gravar um documentário em todos os lugarejos visitados. “Vimos que os mesmos ribeirinhos que estavam ali encantados diante dos enredos do cinema também tinham muita coisa para mostrar e muitas histórias para contar sobre suas danças, suas

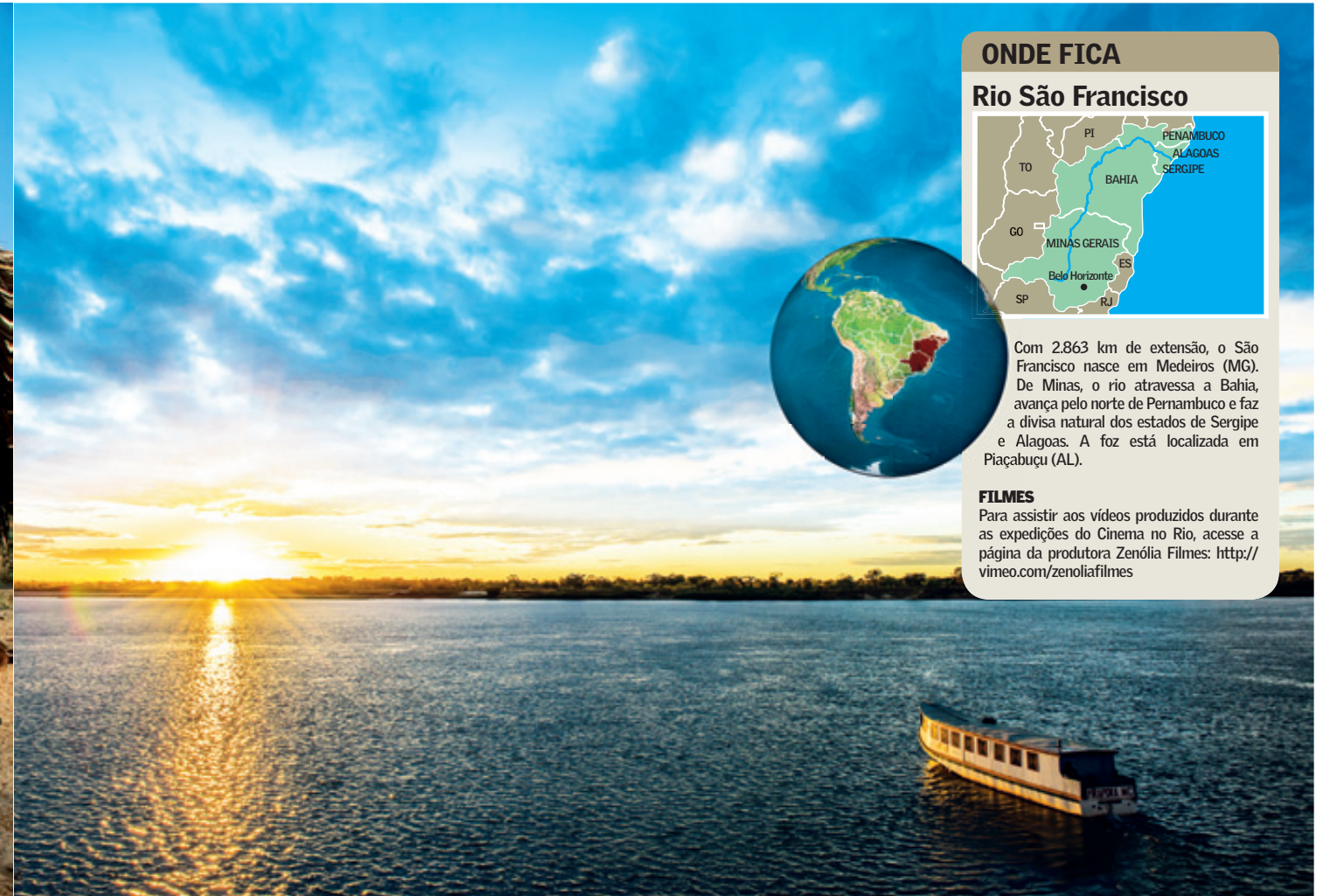
A construção de cinco hidrelétricas no São Francisco, durante a década de 1970, condenou a navegação dos vapores

lendas, suas festas populares, suas assombrações, suas crenças e, especialmente, sobre a transformação drástica que eles têm testemunhado em um dos rios mais importantes do País”, observa Inácio.

A expedição tem registrado e exibido hoje as histórias dos grupos de Reisado e Folia de Reis, escultores de carrancas, luthiers de rabeca, repentistas, ex-marujos, tocadores de tambor, artesãos e pescadores que contam histórias de tempos mais pujantes, que ganham um novo sentido na tela, dando dinâmica à memória.

SEM PEIXE

Os vídeos registram ainda os desafios enfrentados atualmente pelos moradores



ONDE FICA
Rio São Francisco



Com 2.863 km de extensão, o São Francisco nasce em Medeiros (MG). De Minas, o rio atravessa a Bahia, avança pelo norte de Pernambuco e faz a divisa natural dos estados de Sergipe e Alagoas. A foz está localizada em Piaçabuçu (AL).

FILMES
Para assistir aos vídeos produzidos durante as expedições do Cinema no Rio, acesse a página da produtora Zenólia Filmes: <http://vimeo.com/zenoliafilmes>

ENREDO
Moradores no Refúgio de Vida Silvestre Rio Pandeiros: berçário do São Francisco. Na pág. seguinte, o pôr do sol refletido na imensidão do grande rio

para lidar com o assoreamento e o fim dos estoques pesqueiros. Tem pescador que desistiu dos peixes e foi trabalhar nas dragas que tentam desassorear o rio; outros mudaram para cidades maiores e alguns têm se dedicado à atividade extrativista, colhendo os frutos do baruzeiro, árvore típica do Cerrado que fornece uma castanha bastante nutritiva. Mesmo assim, apesar da escassez, o peixe ainda está na base da alimentação do ribeirinho e o impacto da crise da pesca é bastante claro nas comunidades. Por isso, quando o tema é o Velho Chico, não tem jeito. É só ligar a câmera que o texto se repete: “Os peixes acabaram.”

“O São Francisco era um rio muito farto e fundo. O pessoal vinha muito aqui para pescar e vender. E tinha uma velha

que chamava Januária, que morava na beira do rio. Ela comprava sal, querosene da mão daqueles barqueiros e vendia para os outros. O povo morava no Brejo do Amparo. Para vir do Brejo aqui em Januária você tinha que vir com um bom armamento, porque tinha índio e onça”, conta Irênio de Souza, 94 anos, explicando de onde surgiu o nome de sua cidade natal, Januária, um dos maiores municípios do norte de Minas Gerais.

Os relatos de uma época relativamente recente que fazem referência a uma mata ciliar densa habitada por tribos indígenas e animais silvestres, às margens de um rio que transbordava os barcos de peixes, dão a dimensão de quão rápida e predatória foi a ocupação do Vale do São Francisco. Os ciclos do gado, dos vapores,

das hidrelétricas e da agricultura intensiva subtraíram recursos naturais finitos, como a água do rio, sem trazer desenvolvimento econômico para a região.

Com a dificuldade de sobreviver do rio, parte da cultura ligada a ele também tem perdido força. Um exemplo? São as cada vez mais escassas carrancas talhadas na madeira. Um dos últimos artesãos de Januária, Lico Alves, diz que é quase impossível viver apenas da arte inspirada nos barcos do São Francisco. Antigamente as carrancas eram usadas pelos pescadores para se protegerem dos perigos dos rios como os caboclos d’água, “neguinhos viradores de canoa” e tempestades. Hoje é preciso se proteger da seca, do assoreamento e das hidrelétricas, segundo Lico. O morador conta que as crianças já não entendem o significado des-

“Sem peixes, os ribeirinhos sobrevivem hoje em dia do extrativismo e do trabalho nas dragas que tentam desassorear o rio

sa tradição. “Quando eu era menino, ouvia o barulho do vapor e ia correndo para o rio ver os barcos passando. As carrancas com feições misturadas de gente e cavalo sempre vinham na frente. Talhar a madeira é como contar a história de um povo com as mãos”, afirma.

Enquanto os projetos de revitalização do São Francisco parecem tímidos, ribeirinhos como Lico continuam contando na tela do cinema suas histórias do rio no universo onde a realidade, a tradição e a invenção se misturam no inventário de um dos rios mais importantes da América Latina. 🌿